



OCEANOPOLÍTICA

Therezinha de Castro

INTRODUÇÃO

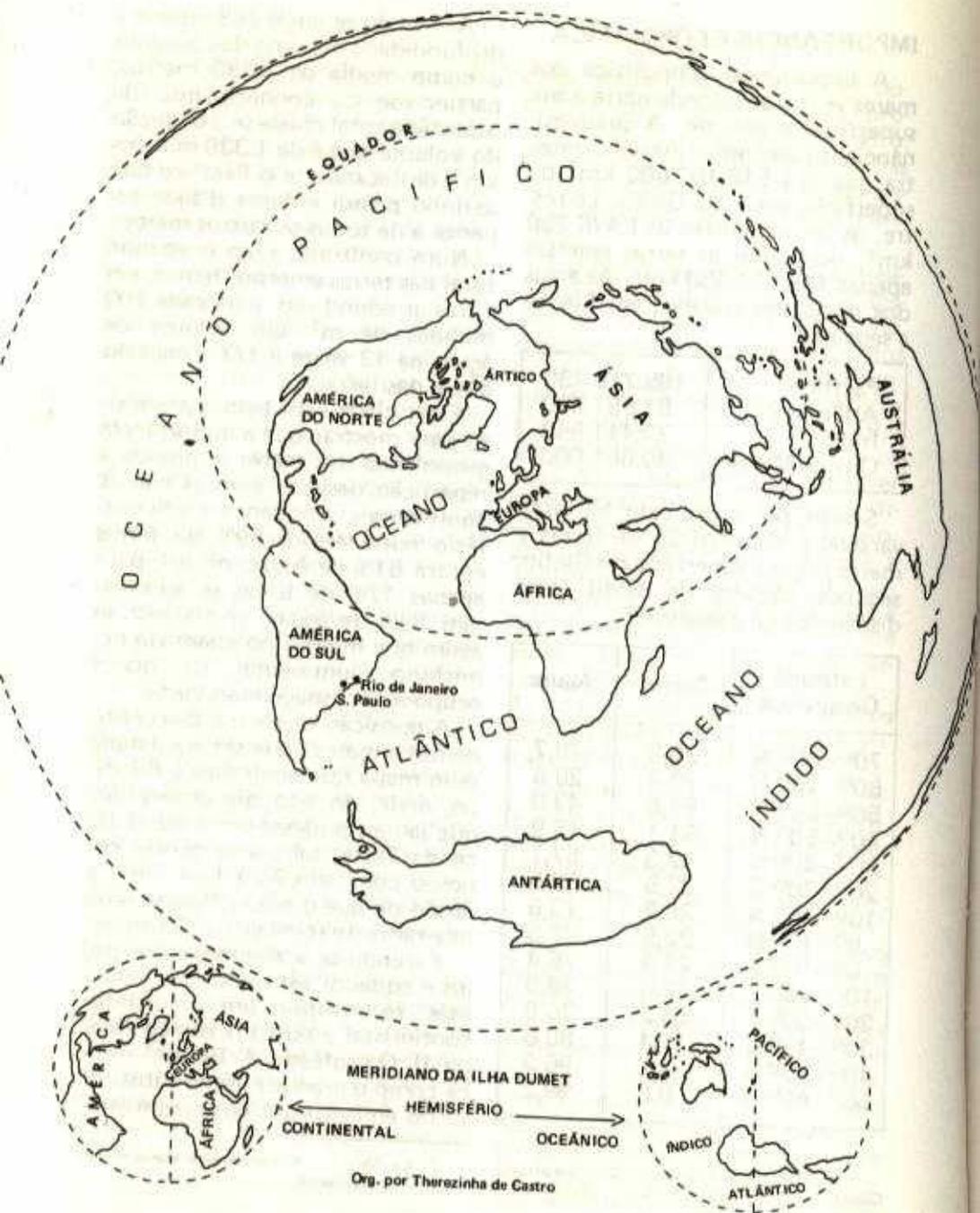
No momento em que Bartolomeu Dias atingia o Cabo da Boa Esperança (1487) deparava-se o homem frente a frente com a grandeza do mar-oceano, inaugurando-se na História da Humanidade uma segunda dimensão até então sem paralelo.

O mar ensejava o descobrimento de novas terras — América, Ásia e África — que se prolongaria dos séculos XVI ao XIX, passando da vela ao vapor, da propulsão mecânica à construção metálica. Só o desvendar da Antártica continuou até o século XX a se manter como o único desafio aos exploradores contemporâneos. Desafio que vem sendo aceito, pois observando-se o hemisfério oceânico vemos logo que avulta o posicionamento cen-

tral da Antártica, onde já se realizaram os primeiros ensaios para o traçado das rotas aéreas transpolares, na era da terceira dimensão, da conquista do espaço. (Mapa 1)

A despeito da conquista do espaço aéreo, a superfície líquida da Terra passou a ser objeto de mais profundas observações sobretudo depois que em nosso século o "Tritão", o maior submarino estadunidense, impulsionado por energia atômica, quase que seguindo a rota de Fernão de Magalhães (século XVI) confirmou a importância global dos espaços marítimos. (Mapa 2)

Começa então a se impôr em nosso século XX a Geozonografia, compartilhando a Terra com base nas massas oceânicas "que com o acervo dos grandes progressos científi-



vessa a pequena ilha Dumet na embocadura do Vilaine, em águas francesas que passa a se constituir no pólo continental da Terra; definindo-se por $42^{\circ} 24' 42''$ de latitude norte por $2^{\circ} 37' 18''$ de longitude oeste, este último substitui ao meridiano de Greenwich. Conseqüentemente o polo oceânico da Terra passa a se localizar no sudeste da Nova Zelândia.

Nessas condições, o hemisfério continental apresenta-se com 54,5% de terras e 45,5% de águas, numa proporção equilibrada, enquanto o hemisfério oceânico, com 11,3% de terras e 88,7% de águas, se caracteriza pela predominância do elemento líquido.

No hemisfério sul os três grandes oceanos se reúnem quando os continentes apontam seus vértices para a Antártica; assim, esses vértices se encontram no Cabo da Boa Esperança (África) a 35° de latitude sul, no Cabo Horn (América) a 56° de latitude sul e no Cabo Sul (Tasmânia) a 39° de latitude sul. Assim, embora a demarcação dos círculos polares subsista no norte e no sul, determinando o limite aproximado dos mares gelados, no hemisfério oceânico o Glacial Antártico inexistente praticamente. Por isso, enquanto o Glacial Ártico é um mar do tipo interior, aceita-se o Glacial Antártico como um mar do tipo marginal; daí a problemática geopolítica da Antártica ser bem mais complexa que a do Ártico.

No contexto geral, ainda, o perimeiro entre os paralelos de 56° e 60° , tanto no hemisfério norte

quanto no sul, serve para destacar a zona faixa que limita a navegação ativa, excetuando-se a caça da fauna marinha ártica e antártica.

Numa visão geral do Mapa 1 observamos que as massas terrestres centradas no hemisfério continental, na faixa das várias planícies que circundam o Ártico, dão, em sua simetria, a idéia de que as áreas territoriais foram forjadas por forças naturais numa nítida tendência de ser antípoda ao mar. Por isso, nessa assimetria, enquanto o Pacífico, fodeado por um cinturão vulcânico, demonstra a sua juventude geológica, o Atlântico, é bem mais arcaico, apresentando dobras montanhosas em suas costas. Disto resulta a atividade geopolítica maior para o Atlântico, de costas mais baixas para melhores instalações portuárias; e em torno do Atlântico, que, ao contrário do Pacífico, aproxima as terras, temos a visão de que a América é um apêndice longo e curvo da Eurásia, enquanto a África nada mais é do que uma simples península do Velho Mundo. E foi nesse entrosamento terra-mar que se impôs, no âmbito das Relações Internacionais, a Oceanopolítica.

Os três grandes blocos — Eurasiática, América e Austrália, quase que contíguos, ligados por istmos, estreitos e escalonados por ilhas, induziria alguns geólogos a afirmarem que na Idade do Gelo todos estavam ligados por um rebaixamento do nível do mar. Assim sendo, apenas a Antártica se encontrava isolada, muito embora Wegener não a exclua da união, defendendo a tese de um único

continente — a Pangéia, ligada por um único oceano.

Podemos observar que tal fato vem revelar a chamada mitologia dos continentes: enquanto as Américas são na realidade ultramarinas entre si, a Europa é, na prática, "um continente somente por cortesia"; na realidade se constitui numa das quatro grandes penínsulas projetadas das margens meridionais e ocidentais da Ásia.⁴

Numa versão um pouco diferente essa idéia está implícita em Ratzel que, em sua "Antropogeografia", nos diz: "a água é um invólucro delgado parcialmente descontínuo, entrelaçado sobre o Globo. A semelhança fundamental de todas as águas da Terra não é uma idéia científica peculiar. Vemos nos fluxos dos mares em torno dos litorais, nos quais desagüam todos os rios, a simples seqüência de uma ligação entre a água dos mares e os leitos dos cursos d'água, até os nossos dias reconhecida pelos povos primitivos. Quando Livingstone perguntou aos aborígenes de Liambai onde nascia esse curso d'água, disseram — nasce em Leoatlé ou o Mar do Homem Branco. Nessas condições, tendo em vista que o mar, com o crescente comércio, contribui mais para unir os povos do que propriamente para separá-los, o antropogeógrafo, lançando uma visão sobre todo o Globo, não se defronta com algo inteiramente novo. O elemento que flui sempre transformou a humanidade presa à terra no sentido

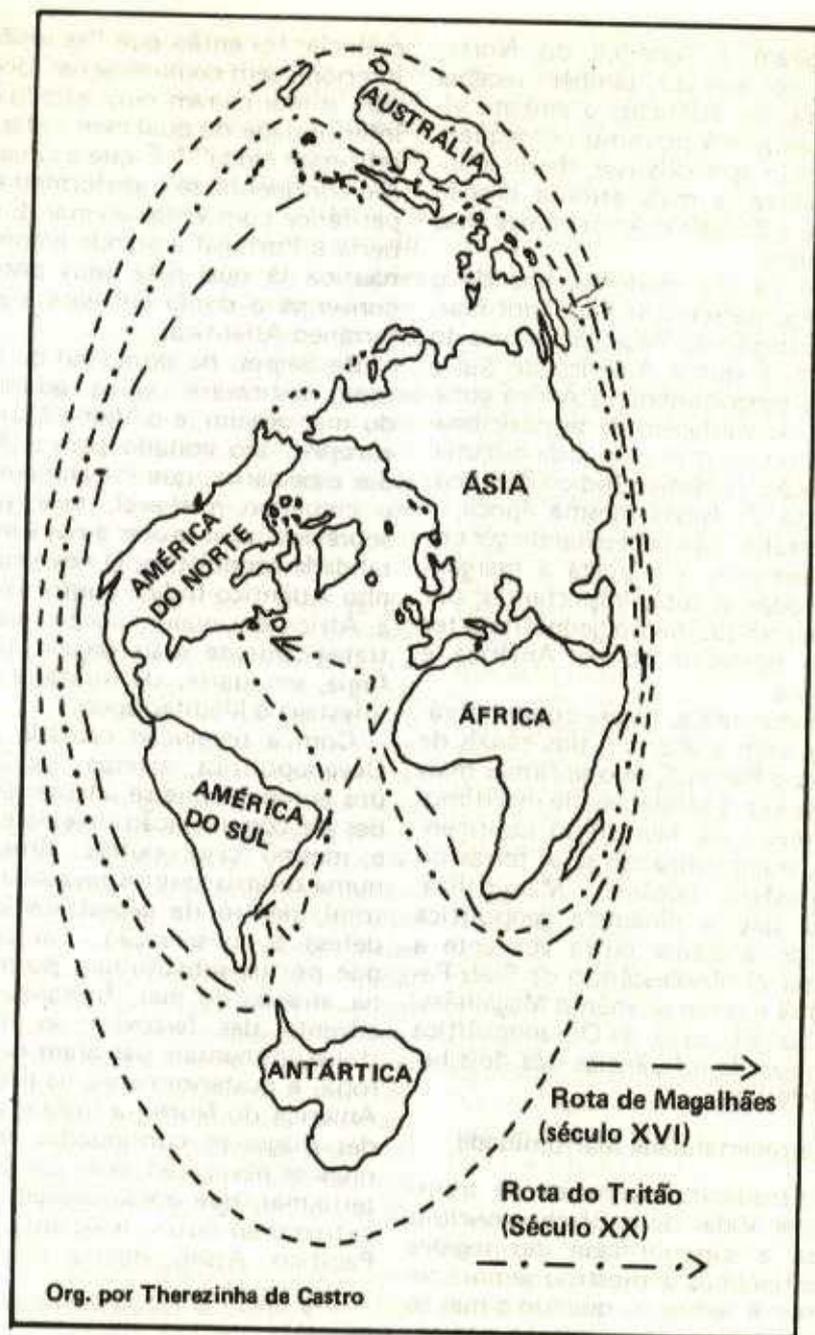
mais lato; se não o mar, então os rios, suas próprias raízes ou veias."⁵

Concluimos então, dentro do enfoque geoestratégico, que a linha de defesa é bem mais forte quando com base na solidariedade marítimo terrestre. E dentro dessa premissa observamos que no hemisfério continental a rota é contínua devido à quase seqüência de terras e águas, enquanto no hemisfério oceânico, as terras que caracterizam o isolamento nada mais são do que fímbrias ou arremates das comunidades existentes no norte. E esta fisiografia tem contribuído para que no jogo geopolítico os países do hemisfério continental venham dirigindo os destinos dos envolvidos no hemisfério oceânico num caracterizado eixo leste-oeste que se sobrepõe ao norte-sul.

Complementando a idéia, no hemisfério continental os blocos oriental e ocidental se aproximam ao máximo no Círculo Polar Ártico, quase que se tocam na América do Norte e a Ásia separadas apenas pelo Estreito de Bhering, enquanto entre a Europa e o continente americano se interpõem as Ilhas Britânicas, a Islândia e a Groenlândia como trampolins naturais. A fisiografia contribui, pois, para que se instalasse ali a zona do Globo mais afeita à expansão do elemento humano, envolvida na dinâmica geopolítica. A tal ponto, que antes mesmo da era oceânica propriamente dita, os nórdicos saindo da Europa setentrional,

⁴ Derwent Whitlesey — "The Earth and the State: a Study of Political Geography" — New York, 1939.

⁵ Citado por E. C. Semple — "Influences of Geographic Environment on the Basis of Ratzel's System of Anthro-Geography" — Londres, 1911.



atingiram a América do Norte, que, por sua vez, também recebia imigrantes asiáticos; o embate viking-esquimó permitiu conseqüentemente que existisse, desde a antiguidade, a mais estreita ligação entre a Eurásia e América nas altas latitudes.

Só na era moderna, quando o tráfego passou a se fazer por mar, via Estreito de Magalhães e rota do Cabo, é que a América do Sul e mais especialmente a África gozaram da vantagem de se posicionarem no eixo principal da circunavegação Atlântico-Índico-Pacífico. (Mapa 2) Nessa mesma época, a Austrália, não necessitando ser circunavegada, era posta a margem de todas as rotas importantes; daí o seu renascimento geopolítico ter sido posterior ao da América e África.

Finalmente, na era contemporânea, com a abertura dos canais de Suez e Panamá, veio se firmar mais uma vez a solidariedade marítimo-terrestre no hemisfério continental, marginalizando-se as terras do hemisfério oceânico. Marginalização que a dinâmica geopolítica tende a anular outra vez ante a possível obsolescência de Suez-Panamá e o renascimento Magalhães-Cabo. Eis, pois, na Oceanopolítica o jogo de influências dos dois hemisférios.

Continentalidade-Maritimidade

Estudando os meios de transporte Vidal de la Blache concluiu que a superioridade das regiões continentais se mostrou sempre relativa e terminou quando o mar se tornou a via de circulação por ex-

celência; foi então que "as regiões interiores sem comunicações fáceis com o mar caíram num estado de inferioridade do qual nem todas se refizeram ainda".⁶ É que a circulação continental se transformou em periférica com vistas ao mar. E caberia a Portugal a grande empresa náutica já que para seus portos convergia a dupla corrente Mediterrâneo-Atlântica.

De Sagres, na ponta sul da Europa, desbravaram-se os caminhos do mar-oceano, e o Velho Mundo europeu, tão voltado para a Ásia das especiarias, que lhe alimentara o comércio medieval, teve, para sobreviver, que se ater à nova mentalidade geopolítica. O novo caminho Atlântico-Índico contornando a África era maior, porém geoestrategicamente mais seguro, pois, fugia, em parte, da pirataria que infestava o Mediterrâneo.

Com a revolução causada pela Oceanopolítica, tiveram os Estados europeus que se adaptar às redes de comunicação preexistentes e mesmo criar outras, firmadas numa diretriz que os levasse ao litoral, dentro da geoestratégia da defesa e conservação. Foi assim que portos substituíram portos e, na atração do mar, firmar-se-ia o advento das ferrovias; as linhas transcontinentais passaram na Europa, e posteriormente na própria América do Norte, a formar grandes diagonais continuadas em linhas de navegação, num complexo terra-mar, que comunicavam num extremo ao outro, o Atlântico e o Pacífico. Assim, dentro do enfo-

⁶ "Principes de Géographie Humaine" - Paris, 1921.

que oceanopolítico, dois principais grupos de portos passaram a se defrontar entre 27° e 40° de latitude norte nas costas da América do Norte, e entre 40° e 54° de latitude norte nas da Europa, transformando esse setor marítimo na rota mais movimentada do mundo.

A fase atual das comunicações ainda se atém à conexão rodoviária-porto, a despeito do advento do avião, já que este se restringe ainda, grosso modo, ao transporte de passageiros e correios. Conseqüentemente numa ligação de redes continentais e costas marítimas, o grande porto detém ainda sobre o aeroporto, a vitalidade do poder geopolítico.

O êxito entre as linhas de circulação terra-mar levou a humanidade, sempre ávida em encurtar distâncias, a procurar, ainda que artificialmente, a passar de um mar para o outro. Assim, em novembro de 1869 os navios começaram a transitar por Suez; essa nova passagem que não chegou a ameaçar a ferrovia Moscou-Vladivostok, se transformou numa grave ameaça ao projeto Berlim-Bagdad, chegando mesmo a provocar sérias pressões diplomáticas. Já o Canal do Panamá, inaugurado em agosto de 1914 foi, em grande parte, conseqüência da Guerra Estados Unidos-Espanha (1898) que mostrou a necessidade de uma via marítima na América Central para reunir as esquadras do Atlântico e Pacífico reduzindo em 16.032 km a rota do Cabo Horn.

Conseqüentemente, as vias oceânicas, que na Idade Moderna tinham a sua diretriz sul na união

Atlântico-Índico (via Rota do Cabo), Índico-Pacífico (via Estreito de Malaca) e Pacífico-Atlântico (via Estreito de Magalhães), retornam ao hemisfério continental. Conseqüentemente, entre os caminhos terrestres e a navegação marítima se estabelecem, paulatinamente, um emaranhado de atribuições geoeconômicas e geopolíticas, que redundaram, após o segundo conflito mundial, numa tomada de consciência geoestratégica dando origem a OTAN e ao Pacto de Varsóvia.

Nesse hemisfério continental, nas diagonais Nova York-S. Francisco e Halifax-Vancouver, que cortam o continente norte-americano, complementada além Atlântico pela Havre-Vladivostok cortando a Eurásia, as transcontinentais acopladas à navegação marítima criam, na interpenetração íntima entre países, uma partilha de atribuições geopolíticas e geoestratégicas. Concluindo-se, assim, que no hemisfério continental a circulação terrestre não prescinde dos caminhos marítimos enfatizando, pois, a Oceanopolítica.

No hemisfério oceânico, se tomado o equador terrestre, se insere praticamente toda a América do Sul, parte da África, toda a Oceânia e a Antártica (Mapa 1). Tomando-se o meridiano da ilha Dumet, apenas o vértice da América do Sul e a Oceânia, tendo centrada a Antártica formam os pontos de apoio sólidos, mas praticamente ignorados como terminais de rotas, nas vastas toalhas oceânicas transformando o Pacífico, em especial, num vasto "deserto" d'água sobre a face da Terra.

Aberto o Canal do Panamá afirmava o então Presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson: "na história da humanidade começa uma nova era — a do Pacífico". Nova era sim, mas para o Pacífico Norte, já que o canal no istmo da América Central tinha, além do objetivo geoestratégico da rota menor e mais eficaz, também a finalidade geopolítica e geoeconômica de aproximar os Estados Unidos do Extremo Oriente. Conseqüentemente, a nova era seria melhor definida por H. Chassagne⁷ como "a dos antagonismos no Pacífico".

Partindo-se do princípio do fulcro histórico se prendendo a ciclos evolutivos estendendo-se do século XVI ao XX, numa constante alternância das rotas, conclui-se que a zona de contacto entre os hemisférios continental e oceânico se alargou naturalmente no sentido leste-oeste como no norte-sul, com espaços terrestres mantendo sempre íntima ligação com os espaços marítimos. Fato este consolidado pela Geopolítica e Geoestratégia que se vem implantando a partir da Segunda Guerra Mundial. Assim, as duas superpotências, depois de se protegerem em seus territórios e mares nacionais, ampliaram sua esfera de ação para as fímbrias ou periferias, atingindo o hemisfério oceânico. Buscando então pontos de apoio ou "glacis defensivos" de posicionamento geoestratégico marítimo em ilhas ou pontos costeiros, as superpotên-

cias consagraram a importância geopolítica do mar dentro de suas esferas de influência. No âmbito da Oceanopolítica, a Doutrina de Facilidades Navais e flechamento de rotas adotada pela Rússia, passou a influir fortemente no continente, apoiada nos vazios que se formam nos mares ante o recuo do Bloco Ocidental.

A importância dos pontos de apoio costeiros vem da antiguidade histórica. No momento em que o Governo Português começou a virar as costas para o mar, "os holandeses, desde o Cabo da Boa Esperança até as Ilhas de Sonda, talharam um Império às custas de Portugal, enquanto mercê das Antilhas e da Guiana, organizavam o senhorio das Índias Ocidentais.⁸ Note-se então que o ponto de apoio ou "glacis defensivo" holandeses implantado durante 24 anos no nordeste brasileiro, foi a base geopolítica e geoeconômica da Companhia das Índias Ocidentais. Nota-se ainda que em sua busca sucessiva de compartimentos marítimos ao longo das massas continentais, a França, dentro de seus objetivos oceanopolíticos, também lutou para obter pontos de apoio no litoral brasileiro, quer através da França Antártica, quer através da França Equinocial. Idêntica geoestratégia orientou a Inglaterra na fase inicial da talassocracia com o saldo dos despojos da Holanda e França.

No processo de expansão oceânica, os objetivos da Holanda, França e Inglaterra são sempre

⁷ "Le Japon contre le Monde" — Paris, 1938.

⁸ Vidal de la Blache — obra citada.

idênticos, embora distintos, em certos pontos, os meios para atingi-los. Enquanto a política colonial francesa se ateve aos avanços e recuos da ação governamental, a expansão inglesa do tipo liberal privado como a holandesa, orientou-se sobretudo, como válvula de escape para as pressões político-religiosas do Governo de Londres. O Almirante Mahan, em seu livro "Influência do Poder Marítimo na História (1660-1782)", numa análise conjuntural das atividades oceanopolíticas dessas três nações européias, justifica o maior e melhor desempenho inglês.

Na ocasião, o império dos mares pareceu poder ser conquistado apenas pela Inglaterra; por isso, um contemporâneo de Cromwell, Sir James Harrington, substituiu a palavra talassocracia por oceana.⁹ A talassocracia indica um poder marítimo restrito a uma determinada zona marítima; foi o que ocorreu no ambiente interiorizado do Mediterrâneo com os gregos e fenícios com pontos de apoio em ilhas ou costas. O mesmo ocorrendo praticamente com Portugal e Espanha que numa ocupação costeira dividiram as zonas marítimas do oriente e ocidente em suas esferas de domínio. Oceana, portanto, caracterizou o vasto império inglês, não tão periférico quanto o português, nem tão localizado quanto o espanhol; os ingleses, de pontos marítimos atingiram hin-

terlands continentais, construindo "impérios" dentro do Commonwealth na América do Norte, Índias, África (sobretudo no sul) e Austrália.

Eis, pois, a História nos fornecendo como personagens alguns Estados com vocação marítima dentro de suas respectivas épocas, procurando todos, no entanto, atingir a seus objetivos hegemônicos. Tudo porém, na versão caracterizadamente oceanopolítica — da instalação em pontos costeiros à formação de impérios terrestres com base no conjunto ilimitado dos oceanos.

"O mar é uma coisa comum, como o ar e a água da chuva", dizia Justiniano¹⁰, governante do vasto Império Romano; essa idéia vai bem a propósito em se tratando das talassocracias instaladas na antiguidade. O mar era então a tinta superficial de uniformidade dependente de impérios circunmediterrâneos. O conceito de que um domínio de fato viesse a se estabelecer nos livres espaços oceânicos só seria lançado em 1494, quando em Tordeilhas, portugueses e espanhóis dividem terras e mares do Globo através de um meridiano que ia de pólo a pólo. Nota-se nesse acordo os objetivos maritimidade e continentalidade dos dois governos ibéricos; Portugal, bem mais voltado e devotado ao mar herdou a parte terrestre mais dependente das ativas rotas oceânicas da época (Atlântico-Índico), enquanto a Espanha de mentalidade bem mais continental, ficava na

⁹ Oceana é um feminino abrangente, envolvendo as idéias de metrópole ou mãe-pátria; oceano, masculino, do grego okeanos, vem de deus do mar, personificando as águas que rodeiam um conjunto de terras habitadas.

¹⁰ Institutas — II — 1.

dependência do Pacífico, o setor menos promissor da geometria política.

Pode-se dizer que é a partir de Tordezilhas que terra-mar passam a se interpenetrar mais intimamente, impondo-se a Oceanopolítica; generalizou-se a influência dos oceanos, fazendo-se sentir mais fortemente nos continentes. Continentalidade frente a maritimidade, duas concepções da Geopolítica, numa constante, correspondendo aos dois grandes eixos em torno dos quais tem se desenrolado a História: o norte-sul. E se hoje o colonialismo é visto como prática dos impérios marítimos, na progressiva expansão da cultura ocidental; o satelitismo nada mais é do que o reflexo da mentalidade continental do líder do Bloco Ocidental, que sujeita centralizando, para uniformizar avassalando.

Na talassocracia os impérios, pela proximidade criaram colônias; na oceana, os conquistadores, pela distância tiveram que colonizar. Como colonizadoras, as potências ocidentais européias se valeram de seu posicionamento central no hemisfério continental, de onde podiam, através dos oceanos, realizar as trocas quer culturais quer econômicas.

Os continentes foram então colonizados na mais estreita dependência do mar, ocupando, inicialmente, a América pela atração das costas baixas atlânticas, depois a África pela maior proximidade, e finalmente a Oceânia no terminal de rotas. A ocupação então foi bem periférica. A própria Índia, cujas grandes cidades e aglomera-

ções humanas se distribuíam ao longo do Ganges e seus afluentes, teve sua vida reorientada na era do comércio oceânico; sobretudo depois da abertura da Rota do Cabo para a Europa e também posteriormente, com o Canal de Suez, visto que as duas vias contribuíram para intensificar o intercâmbio Índia-Occidente. O mar europeizou a Índia periférica através de Goa, Diu e Damão com os portugueses ao lado de Mahé, Karikal e Pondcherry com os franceses antes da grande península asiática entrar na órbita do Império Britânico.

O século XVI, pode, pois, ser caracterizado como o das diretrizes continentais em busca do mar. Na América do Sul os bandeirantes partiam do Atlântico em busca do Pacífico sem conseguir alcançá-lo; enquanto os colonos no norte conseguiam transformar o núcleo geohistórico das 13 colônias atlânticas nos Estados Unidos, um país bioceânico. Por sua vez, do núcleo geohistórico interiorizado do Grão-Ducado de Moscou, os russos avançaram para o norte, para o sul e para o leste levando seu território euroasiático a três frentes marítimas. "A superioridade militar sobre a cavalaria até então invencível foi ganha por números, artilharia e fortificações, no emprego dos quais Pedro, o Grande fora instruído na Europa Ocidental. Novos arsenais em S. Petersburgo constituíram a base da expansão da Rússia até os mares do norte e do sul".¹¹ Observando-se que o objetivo de Pedro, o Grande em

¹¹ J. H. G. Lebon - "An Introduction to Human Geography" - Londres, 1962.

ter "uma janela para o mar", foi ampliado, na atualidade, pelo Kremlin na conquista de "portas para o mar", ao pôr em prática a Doutrina Gorshkov que visa transformar Moscou num porto dos cinco mares".¹²

Notamos assim, que a partir do século XVI, ao eixo continental Europa-Ásia-África formado pela "ilha mundial" de Mackinder, se interpenetram os oceanos Atlântico-Pacífico-Índico estendendo, conseqüentemente, a civilização para a periferia de um crescente insular representado pela América de um lado e Oceânia do outro. Na atualidade essa periferia é constituída pelas terras marginais polares; enquanto a colonização do Ártico já é um fato, a ocupação da Antártica começa a ser um feito.

Exemplificando, pode-se dizer que é inegável a importância do Alaska na geoestratégia dos Estados Unidos, bem como a Groenlândia (ligada histórica e politicamente à Dinamarca) no seio da OTAN. Foi, sem dúvida, o aspecto geoestratégico que levou a Rússia a aceitar o princípio dos setores polares do canadense Pascal Poirier para anexar os arquipélagos e ilhas defrontantes com sua costa siberiana. Ao longo da costa siberiana do Ártico, grandes empresas agrícolas (sorkhoses) estão em pleno desenvolvimento; ao norte do Círculo Polar Ártico já são cultivadas variedades subtropicais do trigo, da cevada, da beterraba,

etc., afirmando Mikhailov¹³ que esta realidade não corresponde a uma adaptação ao meio e sim a uma transformação do meio. Transformação do meio que já vem se planejando também para a Antártica, embora a mais longo prazo.

É a vitória do possibilismo sobre o determinismo bem definida por Vidal de la Blache¹⁴ ao afirmar que só temos uma arma para entrar nesse mundo fechado, "o espírito apetrechado pela Ciência, capaz da invenção, estimulado hoje pela consciência mais nítida de tudo o que oculta a energia à volta de nós". Assim, continua o geógrafo francês, "no mundo dos mares, como no dos ares, as conquistas do espírito e as aplicações práticas a que deram lugar são os mais altos símbolos da grandeza do homem". Falecido subitamente em 1918, Vidal de la Blache, no capítulo "Reações Continentais" de sua Geografia Humana, a que não pôde dar os últimos retoques, afirma textualmente que "as modificações operadas pela Ciência são muito rápidas: a utopia de ontem é a realidade do amanhã".

A conquista do mundo se fez por etapas — da talassocracia à oceana; e dentro das modificações operadas pela Ciência a utopia de ontem é justamente a Antártica de hoje, o continente que se procura conquistar na junção dos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico, mos-

¹³ Vide para maiores detalhes — "Nicolas Mikhailov — "Nouvelle Géographie de l'URSS" — Paris, 1936 — Capítulo intitulado "Agriculture Polaire".

¹⁴ Obra citada.

¹² M. J. Lemierre — "Mer et Terre" — Anales IV-1 — Janvier, 1949.

trando que embora o homem já busque uma terceira dimensão, o espaço sideral tem ainda essa importante etapa oceânica para vencer.

CONCLUSÃO

Em sua tese do Poder Terrestre Mackinder ainda localiza no hemisfério norte o centro principal dos acontecimentos políticos. De fato, desde eras remotas até os nossos dias as superpotências foram sempre Estados do hemisfério Continental.

No entanto, depois da Segunda Guerra Mundial, com a formação da OTAN, liderando o Bloco Ocidental, os Estados Unidos barram no Atlântico, ao norte do Trópico de Câncer, as intensões da Rússia de ter aí "uma janela para o mar". Como no núcleo geohistórico do Ártico já se defrontam as duas superpotências, a Rússia, num movimento de envolvimento, vem fazendo o cerco através do Índico e Atlântico Sul, os chamados "mares quentes".

Os fatos vêm demonstrando que a força internacional russa ganhou novo impulso após a Segunda Guerra Mundial tirando proveito da política imediatista do líder do Bloco Ocidental. Assim, a Rússia obteve o que não havia conseguido em vários séculos de lutas — instalar-se na Europa Central, adquirindo excelente posicionamento nos Balkans. De potência naval de segunda classe, o Kremlin acelerou o seu Poder Marítimo ante o recuo francês e inglês no Índico, estabelecendo para a Rússia glacis defensivos nesse oceano, flechando ro-

tas no Mar Vermelho; de Moçambique, ponto chave no Índico, o Kremlin se posicionou no Atlântico Sul no litoral africano comandado por Angola. Em se tratando, pois, de "mares quentes", no contexto regional do Atlântico Sul a Rússia, dentro do aspecto específico das áreas geoestratégicas está ainda na grande pendência de bases no litoral sul-americano.

Na ante-sala da OTAN duas áreas geoestratégicas têm destaque na defesa de nosso continente — o Caribe e o saliente nordestino em território brasileiro. No Caribe, a Rússia conta com Cuba, a sua maior base extracontinental, servindo não somente como "ponto de apoio militar, mas também como centro de treinamento político-militar, núcleo de convergência e irradiação de sua influência nas Américas"¹⁵: não contando porém com o complemento do saliente nordestino na zona de estrangulamento do Atlântico, onde o nosso território mais se projeta no oceano.

Ainda no hemisfério oceânico avulta a importância da Austrália como barreira entre o Atlântico e o Pacífico. Por seu posicionamento geoestratégico entre esses dois oceanos, essa gigantesca ilha (7.703.273 km²) leva mais destaque na questão da autodefesa diante do confronto leste-oeste, do que propriamente no setor comercial. Ocupa posição chave na linha insular da Oceânia; na con-

¹⁵ General Rubens Reestel — "Expansionismo Soviético e Segurança Continental" — CONVIVÍUM — maio/junho de 1980 — Ano IX — Vol. 23.

juntura do Índico destaca-se Darwin numa das extremidades e Singapura na outra. Como vanguarda defensiva, a missão de Darwin é a de sentinela sobre o Estreito de Torres, anteparo da Austrália contra uma invasão, daí ter sido construída no local, depois da Segunda Guerra Mundial uma base militar aeronaval.

A importância do Estreito de Torres se complementa no outro lado do Índico, em Bab-el-Mandeb (48 km) que liga esse oceano ao Mar Vermelho. Esse Estreito se constitui num arco centrado na Arábia Saudita, precisamente em Ryad, que vai até o Golfo de Oman, num complexo jogo de influências entre as duas superpotências. Na Baía de Turban (Iemen do Sul), no Bab-el-Mandeb, a Rússia construiu um grande e bem equipado porto, pois, instalações desse tipo ajudam a Marinha "a demonstrar poderio econômico e militar de um país muito além de suas fronteiras".¹⁶

A retirada de bases inglesas e estadunidenses dos chamados "mares quentes" mostra um recuo dos ocidentais, enquanto, paralelamente, a Rússia vem intensificando o uso de instalações militares portuárias em todo o mundo. No âmbito, pois, da Oceanopolítica, o Bloco Ocidental, num sutil interrelacionamento das atividades culturais e econômicas poderia sincronizar melhor, tal como ocorreu logo após a Segunda Guerra Mun-

dial, as suas políticas marítimas para poder competir. A dissolução em 1977 da OTASE (Organização dos Tratados do Sudeste Asiático), pôs fim a toda uma oceanopolítica idealizada por Foster Dulles, Secretário de Estado do Governo Eisenhower. A OTASE era um dos extremos de um cinturão de contenção da Rússia, terminando na OTAN na outra extremidade, centrado no CENTO ou Pacto do Oriente Médio, e com respaldo no ANZUS ou Pacto do Pacífico. Enquanto a OTAN se mantém, embora constantemente ameaçada pela ascensão de Partidos Comunistas, o anel de aço e fogo que se estendia do Pacífico ao Atlântico, passando pelo Índico, se desfez pela fragilidade das estruturas militares baseadas em alicerces políticos precários.

Conseqüentemente no terminal ocidental do Índico, tanto a África do Sul quanto a Namíbia (esta já inteiramente no Atlântico), constituem o anteparo de defesa contra o expansionismo cubano-soviético na tão ameaçada Rota do Cabo. A África Austral tem importância geoestratégica fundamental para o controle das rotas marítimas de comércio na ligação Atlântico Sul-Índico. Nessas condições analisando o desastre econômico-militar que redundaria na queda do governo de Pretória na órbita comunista afirma Ian Greig: "Não só desapareceria imediatamente toda a possibilidade de se proteger a Rota do Cabo, ficando as fontes de matérias-primas sujeitas a ameaças constantes, como também, em tempo de guerra, os adversários do

¹⁶ Almirante Sergey G. Gorshkov — "The Navy in War and the Peace" — Morskoy Flot — n.º 12 — Moscou, 1972.

Ocidente teriam a possibilidade de dividir o mundo em dois".¹⁷

Pela África do Sul passaria assim uma nova "linha de Torzeilhas", numa visão que viria a coarçar de êxito a Doutrina Gorshkov. Por essa doutrina, a Rússia procura consagrar a busca de uma hegemonia meramente ideológica na África; trata-se, na prática, de uma política bem mais oceânica — a de obter o maior número de bases navais que assegurem permanentemente à Marinha Vermelha portos para a estocagem e reabastecimento tanto em tempo de guerra como no de paz, sem correr o risco das mudanças locais tão comuns no instável continente. Sabe bem o Kremlin que no hemisfério oceânico aquele que possuir o domínio do mar se encontrará em ótimas condições para exercer a supremacia local.

Para o Bloco Ocidental a geoestratégia significa também incrementar a capacidade de penetração nos três grandes oceanos, sobretudo no hemisfério austral. "Tal estratégia implicaria numa cadeia mais concentrada de bases insulares tanto no Índico quanto no Atlântico Sul e planos para uso intenso de bases na Austrália e possivelmente no Brasil".¹⁸

No contexto regional do Atlântico Sul, na zona vulnerável do TIAR, destaca-se, conseqüentemente, o Brasil, país que embora

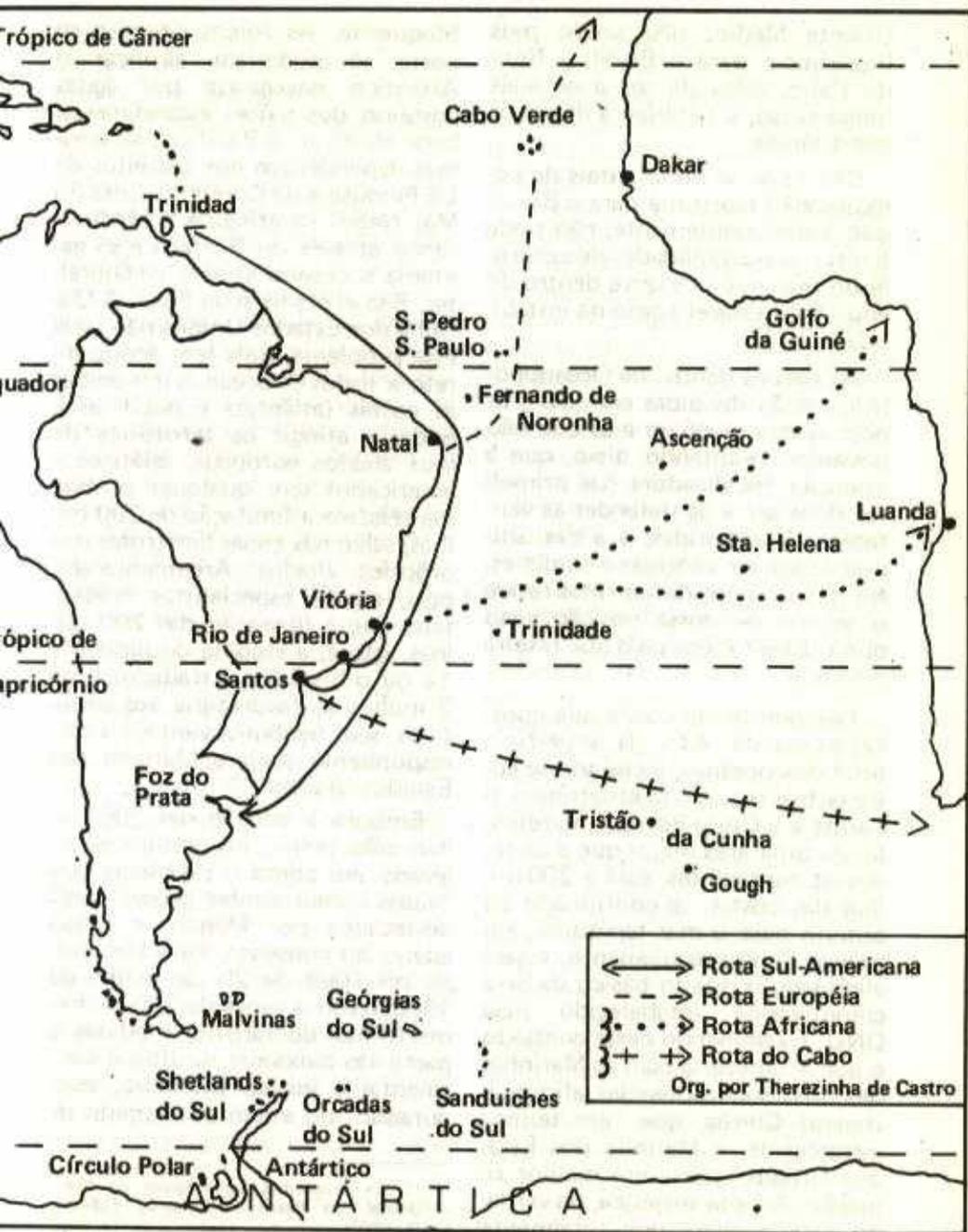
não seja bioceânico é dotado de duas faces litorâneas — uma voltada para o hemisfério continental na zona de estrangulamento do Atlântico, e a outra, maior linha costeira, dependente do hemisfério oceânico.

Antes da Segunda Guerra Mundial os interesses brasileiros se orientavam quase que exclusivamente no sentido Atlântico nortesul, hoje, no entanto, as nossas diretrizes geopolíticas difundentes já alcançam o Índico e o Pacífico (Mapa 3). Além da Rota Sul-Americana, praticamente de cabotagem desde o rio da Prata até Trinidad, tem ainda maior importância, no sentido norte-sul a Rota Européia que do saliente nordestino atravessa a zona de estrangulamento do Atlântico apoiando-se em Cabo Verde para atingir os nossos mercados de importação e exportação da Europa. No sentido leste-oeste, em âmbito bem regional do Atlântico Sul, a Rota Africana, partindo da trijunção de corredores de exportação Santos-Rio de Janeiro-Vitória, atinge a zona ocidental do continente que reparte conosco o oceano; essa rota vem tomando grande impulso desde 1972, impulso que será dobrado com a visita que fez em 1983, a países da área, o nosso Chanceler Saraiva Guerreiro.

E, finalmente a Rota do Cabo da qual já participávamos ativamente no comércio triangular com Portugal durante o período colonial. Atualmente, em face dos nossos interesses comerciais no Japão, aproximação com a China e necessidade de importar petróleo do

¹⁷ "O Desafio Comunista — a África" — nº 2 da Coleção "Sonda do Mundo" — Editorial Abril.

¹⁸ Geoffrey Kemp — "O Novo Mapa Estratégico do Mundo" — Jornal do Brasil — Caderno Especial (8/5/1977).



Oriente Médio, não sendo país bioceânico, para o Brasil, a Rota do Cabo, além de ser a de mais longo curso, é também a de maior importância.

São essas as linhas vitais de comunicação marítima para o Brasil, que, conseqüentemente, não pode limitar as possibilidades de controle do mar que nos serve dentro do equilíbrio estável como na instabilidade.

As nações dentro da Oceanopolítica estão divididas em dois grupos: as que possuem e as que não possuem; resultando disso, que a intenção fiscalizadora das primeiras deve ser a de defender as vantagens já adquiridas, e a das últimas, adquirir vantagens similares. Na defesa, pois, dessas rotas reside o seguro de nossa posição visto que o Brasil é um país que respira pelo mar.

Levando-se em conta que aproximadamente 40% da superfície total dos oceanos, incluindo-se entre outros mares o Mediterrâneo, o Caribe e o Golfo Pérsico, representando uma área maior que a de todos os continentes, está a 200 milhas das costas, se confirmado tal critério para o mar territorial, em pontos de estrangulamento, estará eliminado o direito básico da livre comunicação estabelecido pela ONU. Examinando nesse contexto o que aconteceria com as Marinhas das duas superpotências afirma J. Renato Corrêa, que "em termos estratégicos, a Marinha dos Estados Unidos estaria em melhor situação. A frota soviética, na verdade, estaria quase que totalmente

bloqueada. As forças situadas ao norte só poderiam alcançar o Atlântico navegando por águas costeiras dos países escandinavos. Para alcançar o Pacífico, as mesmas dependeriam dos Estreitos de La Perouse e da Coréia. A frota do Mar Negro só atingiria o Mediterrâneo através do Bósforo e só ganharia o oceano através de Gibraltar, Bab-el-Mandeb ou Suez. A Marinha dos Estados Unidos não teria esse problema, pois tem acesso direto a todos os oceanos por ambas as costas (atlântica e pacífica) e poderia atingir os territórios de seus aliados europeus, asiáticos e americanos sem qualquer problema relativo a limitação de 200 milhas, salvo nas zonas limítrofes dos próprios aliados. Argumentaram, pois, alguns especialistas ocidentais, que a liberação das 200 milhas, isto é, a escolha do limite de 12 ou o histórico e tradicional de 3 milhas só favoreceria aos soviéticos, sem nenhuma vantagem correspondente para a Marinha dos Estados Unidos".¹⁹

Embora a adoção das 200 milhas não tenha, no âmbito geral, levado em conta o problema dos "vasos comunicantes geográficos" destacados por Mahan, o Brasil aderiu ao consenso. Pelo Decreto-lei nº 1098 de 25 de março de 1970 fixou a faixa de 200 milhas marítimas de largura, medidas a partir do baixamar do litoral continental e insular brasileiro, assegurando, no entanto, o direito de

¹⁹ "Os Problemas Estratégicos do Mar" — Jornal do Brasil — Caderno Especial (24/8/1980).

“passagem inocente”; ou seja, o trânsito sem o exercício de quaisquer atividades estranhas à navegação aos navios de todas as nacionalidades.

Esse importante aspecto oceanopolítico se estende desde 1948 quando o então Presidente Truman dos Estados Unidos lançou a sua célebre proclamação sobre o mar territorial levando, de imediato, três países sul-americanos (Chile, Peru e Equador), localizados justamente a margem do maior oceano, o Pacífico, a fixar o limite das 200 milhas. A partir de 1967 até 1981 realizaram-se 10 reuniões ou Conferências sobre os Direitos do Mar, mostrando ser o problema um assunto de interesse premente no âmbito das Relações Internacionais.

O domínio da navegação não envolve unicamente os mares, estendendo-se efetivamente ao interior das terras através dos rios e lagos, num jogo maritimidade-continentalidade. No entanto, o mar é um elemento eminentemente cambiante e essas alterações são muitas vezes dificilmente previsíveis. Embora não se deva concluir com o determinismo de Ratzel de que os povos mais fortes procuraram sempre ocupar as zonas litorâneas relegando ao interior as populações mais fracas, cabe, no entanto, aqui, o possibilismo de que o desenvolvimento costeiro foi fator de poderio para países cuja população tenha demonstrado vocação marítima.

Ratzel provou que “existem posições que têm valor político”, e

evidentemente, uma de tais posições favoráveis é a do acesso amplo ao alto-mar; sobretudo dentro do enfoque de que o Poder Marítimo é o ilimitado domínio das rotas oceânicas.

Quanto maior for o nível de desenvolvimento da economia de um país maior será o significado dos oceanos para ele, como fonte inesgotável de energia, de matérias-primas e alimentos; e ainda como vasto campo de ação para o desenvolvimento dos laços geopolíticos e geoestratégicos que levem esse mesmo país através do mar a todos os continentes da Terra.

Em se tratando da Oceanopolítica há de se convir que enquanto os assuntos marítimos vêm obtendo crescente destaque no âmbito das Relações Internacionais, numa escala também gradativa, o emprego eficaz do instrumento naval vem se tornando sempre mais complexo e difícil. Vemos assim, que “as tendências recentes, que deverão perdurar ainda por muito tempo, lançaram irremissivelmente os problemas centrais da política internacional de nosso tempo nos oceanos do mundo. Nesse contexto, devem ser assimiladas de maneira especial as questões políticas levantadas pela crescente incerteza econômica, a questão aparentemente ressurgente entre Leste e Oeste, as divisões cada vez mais contenciosas entre Norte e Sul e a emergência potencial desestabilizadora de novas potências na cena política internacional. Tais acontecimentos salientam grandemente a significação política internacional dos assuntos marítimos e do

Poder Naval, de importância tão decisiva para seu controle.²⁰

Com a abertura da Rota do Cabo por Vasco da Gama (1498) os portugueses conquistaram praticamente o mundo oriental. Com Ormuz (1508) na entrada do Golfo Pérsico conseguiam a chave do comércio muçulmano no Índico; com Malaca (1511) asseguraram a base de comunicações Índico-Pacífico. Era o mais autêntico "flechamento de rotas" no setor oriental, que Mahan tanto defenderia em sua teoria do Poder Marítimo, já no século XX. Em 1516, os portugueses já haviam dominado a metade do Globo Terrestre, chegando a Cantão (1517), para culminar com todo um processo secular de expansão oceânica. Restava a prova material da esfericidade da Terra, que se conseguiu com a abertura da Rota do Estreito de Magalhães; a viagem de circunavegação iniciada em 1519 e terminada em 1522, trasladou para o Pacífico o interesse dos navegadores, já não mais somente portugueses e espanhóis, mas também holandeses, ingleses e franceses.

Buscava-se então também pelo Ártico uma passagem que permitisse atingir o Oriente sem precisar das grandes trajetórias pelas Rotas

de Magalhães e do Cabo, atraindo, por isso, os nórdicos dinamarqueses e noruegueses. Em 1903 o norueguês Roald Amundsen, contornando as terras da América do Norte viajava do Atlântico ao Pacífico, vencendo os gelos dos mares. E seria esse mesmo Amundsen que, vencendo as terras dos gelos, alcançava a 14 de dezembro de 1911 o Pólo Sul.

Desvendados os oceanos e mares, ficavam todos os continentes partilhados politicamente, inclusive as ilhas do Ártico; faltando apenas em nossos dias o estabelecimento do estatuto jurídico da Antártica para onde confluem, na junção dos três grandes oceanos, os interesses científicos, e, bem acima destes, os imperativos geopolíticos.

A partir do século XVII os exploradores e conquistadores passaram a se internar pelos continentes; desenvolvendo trabalho paralelo, no século XVIII os navegantes fixavam a forma dos litorais e localizavam as ilhas numa quase precisão de que temos hoje. Resumidamente pode-se dizer que a Geopolítica, ligada inicialmente com exclusividade dos continentes, evoluiu da talassocracia para o domínio das grandes massas d'água ou oceana. Quando os continentes e mares se viram na mais estreita interdependência, avultando-se a Geozonografia tomou então destaque a Oceanopolítica.

²⁰ William Perry — "Poder Marítimo na Conjuntura Estratégica Contemporânea e sua Posição Futura" — CONVIVÍUM — Janeiro/ Fevereiro de 1981 — Ano XX — Vol. 24.



Therezinha de Castro — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu "Rumo à Antártica", em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, "História da Civilização Brasileira", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "África — Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais".